

# **Mulheres na ditadura**



Copyright © 2022, Ilsyane do Rocio Kmitta, Suzana Arakaki & Tânia Regina Zimmermann (organizadoras).

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

[editor@editoramilfontes.com.br](mailto:editor@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmara Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.<sup>ª</sup> Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.<sup>ª</sup> Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Záira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.<sup>ª</sup> Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Miti-diero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.<sup>ª</sup> Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDE) • Prof.<sup>ª</sup> Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

ILSYANE DO ROCIO KMITTA  
SUZANA ARAKAKI  
TÂNIA REGINA ZIMMERMANN  
*(organizadoras)*

# **Mulheres na ditadura:** agenciamentos de lutas e resistências



Editora Milfontes  
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

### **Revisão**

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

### **Capa**

Imagem da capa:

*Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

### **Projeto Gráfico e Editoração**

Lucas Bispo Fiorezi

### **Impressão e Acabamento**

Help Book

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

M956 Mulheres na ditadura: agenciamentos de lutas e resistências/

Ilsyane do Rocio Kmitta, Suzana Arakaki &

Tânia Regina Zimmermann (organizadoras)

Vitória: Editora Milfontes, 2022.

300 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-007-7

1. Mulheres 2. Ditadura 3. Resistência I. Kmitta, Ilsyane do Rocio

II. Arakaki, Suzana III. Zimmermann, Tânia Regina IV. Título

CDD 981.063

# Sumário

Do silenciamento ao protagonismo - Mulheres na ditadura.....	7
<i>Ana Maria Veiga</i>	
Apresentação.....	II
Mulheres, violações, direitos humanos e ditadura militar no Brasil.....	17
<i>Tânia Regina Zimmermann &amp; Monica Rodrigues Suminami</i>	
Políticas territoriais na ditadura militar brasileira: mulheres indígenas no centro do debate.....	31
<i>Lyvia Amado de Oliveira</i>	
Entre silêncios e resistência: as mulheres indígenas na ditadura civil militar no Sul de MT/MS.....	47
<i>Carla Fabiana Costa Calarge, Daniele Lorenço Gonçalves &amp; Lenir Gomes Ximenes</i>	
Mulheres negras nos movimentos estudantis durante a ditadura (1964-1985).....	77
<i>Tauana Olívia Gomes Silva</i>	
Resistências lésbicas na ditadura militar brasileira: a heterossexualidade como regime nacional.....	107
<i>Anna Carolina Horstmann Amorim &amp; Ana Paula Garcia Boscatti</i>	
A literatura de autoria feminina sobre a ditadura .....	127
<i>Eurídice Figueiredo</i>	
As mulheres na ditadura militar – um relato de experiência .....	153
<i>Ana Maria Colling</i>	
Lembranças e silêncios: apontamentos sobre a trajetória de Ermelinda Mazzaferro Bronca na busca por seu filho desaparecido político na Guerrilha do Araguaia .....	171
<i>Paula Tatiane de Azevedo</i>	

Amém e Perigo Vermelho: mulheres e ditadura civil militar no sul de Mato Grosso.....	189
<i>Suzana Arakaki</i>	
Lutas e resistências: a presença fragilizada das mulheres na política brasileira .....	209
<i>Ilsyane do Rocio Kmitta</i>	
Mulheres, Ditadura e Direitos Humanos: como pensar a luta por direitos humanos em contextos de democracia ameaçada.....	227
<i>Claudia Regina Nichnig</i>	
Zezita Matos em trajetórias e atravessamentos artísticos sob a ditadura militar .....	247
<i>Ilsyane do Rocio Kmitta &amp; Tânia Regina Zimmermann</i>	
Em marcha contra o “perigo vermelho”: as mulheres apoiadoras do Golpe civil-militar de 1964 no Brasil .....	257
<i>Ediane Lopes de Santana</i>	
Foi Assim .....	275
<i>Graça Andreatta</i>	

# Do silenciamento ao protagonismo - Mulheres na ditadura

Ana Maria Veiga<sup>1</sup>

Esta não é apenas uma coletânea sobre histórias de mulheres, ou história das mulheres e do gênero durante a ditadura brasileira. Questões urgentes são colocadas em tela, sob as lentes do presente e dos debates que emergem nos grupos e movimentos sociais, e irrompem de maneira avassaladora no meio acadêmico.

A história do Brasil referente ao período que vai de 1964 a 1985 ainda é, majoritariamente, uma história de homens e escrita por eles, demonstrando a incapacidade das esquerdas de conseguirem ampliar horizontes e entender a luta de classes atrelada à equidade de gênero e às lutas antirracista e antilgbtqi+fóbica.

As várias fases do regime militar – desde o golpe e o governo de Castelo Branco, o marco do AI-5 sob a presidência de Costa e Silva, passando pelo recrudescimento e o terror de Estado do governo Médici e pelo suposto abrandamento do período Geisel, chegando, por fim, à anistia e às promessas de reabertura do governo Figueiredo – aparecem como pano de fundo dos capítulos que se seguem. O protagonismo das mulheres brasileiras, inseridas no contexto mais amplo latino-americano, se fez presente em cada momento dessa noite de longa duração – a ditadura militar.

O diferencial deste livro, entre tantos? Não está simplesmente em abordar histórias de mulheres, como já foi dito. Ele vem das margens, numa perspectiva *suleadora* e *enegrecedora* dos novos interesses. Mais do que mulheres brancas de camada média, militantes de grupos e organizações de resistência contra a ditadura, as páginas (que também tratam delas) se abrem trazendo uma “história

---

<sup>1</sup> Prof.<sup>a</sup> do Departamento de História/UFPB; Prof.<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em História/UFPB; Grupo de pesquisa ProjetAH - História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões.

imprevista”, fazendo saber trajetórias de mulheres indígenas, seus povos, seus grupos e associações, com ênfase nas violências pelas quais tiveram de passar, como indígenas, como corpos femininos violados e expostos ao poder agressor, à mentalidade escravagista, racista, machista, colonial. Sabendo que nada disso é coisa do passado.

Contrariando a naturalização de um lugar pré-concebido, elas estiveram e continuam em cena buscando condições justas de existência para seus povos-territórios. Guarani, Kaiowá, Terena, Ofaié, Kinikinau, Kadiwéu. O recorte geopolítico é o sul do Mato Grosso, onde até hoje as mulheres indígenas/originárias se defendem do ranço colonial e suas investidas, reinventadas a cada passo dessa história.

Dos sertões profundos do Brasil e de seus centros mais próximos, porém distanciados dos centros efetivos de poder, emerge uma “historiografia das urgências”, que não se contenta em narrar o mesmo, e segue o fluxo da virada epistemológica que descentra teorias e pauta sujeitas outras da história.

As mulheres negras também protagonizaram a resistência ao Brasil militarizado, aquele dos anos 1960 aos 1980, participando de grupos, organizações, armadas ou não, traçando estratégias localizadas nas periferias das grandes cidades, nos morros, quilombos, vilas e favelas, fazendo planos para a sobrevivência, delas e dos seus, diante da opressão racial e do genocídio de pessoas pretas (homens preferencialmente), que não cessou de acontecer desde sempre na história do nosso país, agravado pela militarização e a marginalização interseccional das pessoas pretas, periféricas, pobres. Presentes em todas as formas de contestação, ausentes da historiografia, as mulheres negras na ditadura encontram lugar privilegiado nas páginas deste livro.

Novamente, a diferença nesta obra é uma questão de perspectiva, de posicionamento do olhar com maior liberdade, por estar situado nas bordas e ousar transbordá-las. A historiografia que disso resulta não é local ou regional, é a mesma história do Brasil, interpretada a partir de novos ângulos e com interesse em outros, melhor dizendo, outras protagonistas. E assim os relatos emergem, vivências militantes e experiências de enfrentamentos são narradas. Documentos proibidos, as primeiras pesquisas e



conquistas acadêmicas; as entrevistas feitas de lembranças, dores, silêncios, palavras e afetos.

O livro trata também de mulheres lésbicas perseguidas pela censura, pela polícia, pela moral e os bons costumes. Todo aparato repressor atuou para produzir sua inexistência, assim como a historiografia reiterou essa invisibilidade, pelo desinteresse, por escolhas que privilegiam seu objeto central – o novo homem, o homem da luta geral, viril e convicto na heterossexualidade compulsória que o aprisiona, a mesma prescrita pelos autores do golpe civil-militar e pelos condutores da ditadura militar brasileira. No entanto, as lésbicas estiveram presentes, promoveram protestos e ações, e suas memórias contribuem para uma visão mais ampla da história contra-hegemônica, aquela que ainda é muito pouco investigada e narrada.

Mesmo as mulheres conservadoras do sul de Mato Grosso assumem seu lugar em capítulos do livro, o que pode conduzir a uma compreensão maior dos conflitos do tempo presente e dos dias atuais, com um paralelo traçado entre seu protagonismo nos golpes de 1964 e de 2016. Estiveram a favor da violação dos direitos de outras mulheres (as “outras”) e da misoginia que sobre elas agiu, perpetuando estereótipos e imagens negativas das militantes de grupos de esquerda.

Direitos humanos e ameaças à democracia também estão em pauta e são questionados, provocados a responder às mesmas perguntas, infinitamente reformuladas. Por que a misoginia e os diversos tipos de racismo ainda são armas de contenção das mulheres? Algumas delas apelaram para um caminho diferente, fazendo política com aquilo que a moral social repressiva mais esperava delas – a maternidade. Mães em busca de seus filhos desaparecidos, ajudando as famílias dos companheiros de militância desses filhos, criando uma rede de solidariedade e de contestação aos métodos violentos do regime, sem que pudessem ser questionadas ao falarem a partir dos seus lugares de mães, não de mulheres.

Arte, teatro, literatura. Formas de expressão que se transformam em ativismo político, ou em narrativas de si. O teatro engajado e a literatura autobiográfica de autoria de mulheres fazem parte dessa história, no encontro entre cultura, educação

popular libertária e os sonhos de um Brasil livre da repressão, da miséria e das desigualdades – todos os fantasmas que voltam hoje e atormentam. Esse debate é central num momento em que o ciclo se repete, a moral cristã predomina, novos meios de censura, vigilância e autoritarismo nos revisitam, invasivamente. O peso do silenciamento de mulheres e pessoas lgbtqi+ querendo imprimir seus moldes únicos, os mesmos, patriarcais, homofóbicos, misóginos, capitalistas.

Assim, esta obra, suas autoras e pesquisas chegam para acolher e tratar as feridas, adquiridas no cruzamento entre os infortúnios, infernos vividos e a esperança que encontra mulheres prontas para traçarem seus caminhos de resistência, seu protagonismo, nessa longa história que começou nos primeiros anos 1960 e que ainda não terminou. Trata-se de um livro que faltava, necessário, instigante, potente.

A leitura de *Mulheres na ditadura* nos leva quase a querer celebrar e mostrar respeito por tudo aquilo que outras viveram, por suas e seus contemporâneos, mas também pelas gerações que vieram depois. Elas são muitas e são diferentes, em suas diversas trajetórias e especificidades. Como legado, trazem e compartilham coragem. A nós, leitoras e leitores, cabe (re)conhecer e buscar inspiração em suas histórias.

# Apresentação

Este livro foi escrito por várias mãos, com perspectivas interdisciplinares e olhares para um campo de construções teóricas que muito o enriquece e desafia antigos entendimentos sobre as Mulheres na Ditadura, pois lança luzes sobre diferentes cantos e recantos do estado do Mato Grosso do Sul e do Brasil. E por quê? Porque as vidas vividas por mulheres plurais, em trajetórias diversas e adversas encontram-se e/ou desencontram-se em pontos de travessia, em tempos históricos que, malgrado todas as adversidades sempre presentes, lidavam com a opressão política do regime autoritário.

Entretanto, podemos acompanhá-las em suas jornadas abertas aos possíveis, nas quais as angústias, os vazios, as violências, mas, também com força subjetiva e histórica, as esperanças, os desejos e as resistências dialogam insistentemente. Há uma mistura de sentimentos em meio a subjetividades interrompidas e recriadas nos vários âmbitos sociais, marcados pelo recorte de gênero nos lugares, seja nas estruturas de relações de classes sociais, nas artes ou nas relações (esferas) de poder político propriamente dito.

De uma página a outra deste livro, encontramos os femininos atravessados pela obscuridade do regime autoritário civil-militar que suportamos no Brasil. As autoras fazem o registro do poder masculino que ceifou sonhos, projetos e narram as experiências que resistiram às atrocidades, às injustiças e às profundas violências de toda monta.

Ao iniciar a leitura destas páginas embrenhadas de sentidos e significados feministas, somos apresentadas ao *Capítulo I* escrito por *Tânia Zimmermann* e *Monica Suminami*. As autoras escrevem sobre a experiência de mulheres enredadas por suas histórias miúdas e potentes que alteraram a compreensão produzida a partir da escrita de uma história hegemônica masculina, seja de cunho conservador, seja de pensamento progressista sexista. Ao se expressarem na

Comissão da Verdade, as mulheres desnudaram poderes masculinos e ditatoriais, e impediram que se jogasse o véu do esquecimento sobre jogos de poder que pertencem a nossa realidade social e que serviram e sevem “para manter as bases patriarcais de práticas e conhecimentos”.

No *Capítulo II*, *Lyvia Oliveira*, redige por meio de “lentes interseccionais” a respeito dos mecanismos ideológicos desenvolvimentistas no período da ditadura, avassaladores em diversos sentidos, colocando ênfase às violações dos direitos humanos, com olhar analítico sensível para as mulheres indígenas – no plural. A autora, portanto, reconhece, teórico-metodologicamente, a diversidade étnica das mulheres indígenas, e enfatiza o empobrecimento que é fruto do reducionismo da “categoria indígena”.

As autoras *Carla Calarge*, *Daniele Gonçalves* e *Lenir Ximenes* discutem no *Capítulo III*, transversalmente na historiografia e a partir da documentação, a presença das mulheres indígenas em suas variadas resistências e protagonismos frente aos meandros do regime militar. Percebem, com isso, as ausências e os silêncios sobre esses protagonismos, em razão das violências étnicas e de gênero, dentre tantas outras, aos povos indígenas. As autoras apresentam como histórias de “violências sistemáticas e apagamentos” foram ressignificadas nos anos de 1980, com a emergência dos povos e mulheres indígenas nas lutas e pressões sociais com o objetivo de garantir direitos na Constituição de 1988.

As trajetórias políticas de oito mulheres negras são reveladas pela autora *Tauana Gomes Silva*, no *Capítulo IV*: Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos (Santinha), Thereza Santos, Helenira Resende de Souza Nazareth, Lúcia Maria de Souza, Dora Lúcia de Lima Bertúlio, Maria Diva de Faria, Arabela Pereira Madalena e Edna Maria Santos Roland são as protagonistas da narrativa. Elas representam muitas outras histórias e memórias de mulheres esquecidas em uma lista de desaparecidas, de silenciadas, de violentadas. Eram mulheres trabalhadoras, residentes em territórios sociais e geográficos dessemelhantes, participantes de grupos sociais distintos, simpatizantes dos movimentos estudantis nos idos de 1960-1970, Mulher... Mulheres... resistentes aos mandos da ditadura, obstinados em calar e violentar.

É fato inquestionável que o regime autoritário civil-militar vigente no Brasil interrompeu vidas e sonhos. Foi regido por perseguições, censuras, violências com recortes de gênero e sexualidade, e não duvidamos que muito, ainda, se tem a descortinar. As autoras *Anna Carolina Amorim* e *Ana Paula Boscatti* nos convidam, no *Capítulo V*, a revisitar o indizível da ditadura militar brasileira: as pungências às vidas homossexuais, com olhar atencioso à lesbianidade. Exaltamos o primor da percepção com a qual o tema é abordado e que ainda carece de amplos estudos e publicização histórica, de modo a revelar as atrocidades, por vezes “esquecidas nas memórias revisitadas da ditadura militar brasileira”.

A escrita da autora *Eurídice Figueiredo*, no *Capítulo VI*, é entrelaçada por quatro partes que nos apresentam – muito prazer! – mulheres militantes sociais e políticas e seus escritos literários, por meio dos quais, recriaram as suas próprias experiências, seja com caráter mais ficcional ou não. No desenrolar de suas reflexões, a autora, registra a prevalência dos desaparecimentos políticos na literatura atual, *pari passu*, às considerações a respeito dos processos da produção do esquecimento social, com a produção de uma memória seletiva e injusta do nosso passado e de nossa história.

No *Capítulo VII*, história e memória misturam-se na trajetória da autora-pesquisadora. *Ana Colling* faz um relato de experiência quanto ao seu percurso teórico e metodológico nos estudos sobre as mulheres no período da ditadura militar. Ela revisita os caminhos traçados em sua pesquisa de mestrado defendida em 1994. Folheia o livro que resultou deste processo – publicado no ano de 1997 – e abre um leque de perspectivas dialógicas entre as reflexões iniciais sobre o tema e o que está, ainda, por ser desnudado nas histórias e nas memórias sobre torturas e violências que nos desafiam a desenredar. Em instigantes detalhes reflexivos, transmite-nos a sensação de prazer e aprendizado nos entremeios dos arquivos e das entrevistas com mulheres que foram aprisionadas durante o regime autoritário. A leitura do Capítulo é um convite ao pensar e, com certeza, nos entusiasma.

Ermelinda, mulher, mãe... José seu filho, mais um desaparecido político na Guerrilha do Araguaia! Nas linhas e entrelinhas do *Capítulo VIII*, mãe e filho estão interligados na narrativa sobre este período trágico em nossa história. Uma tragédia subscrita

e compartilhada em redes de mulheres em busca de seus filhos e suas filhas, cujos sonhos foram aniquilados pela ditadura militar. A angústia marca a vivência dessas mães: se não fossem encontrados os seus filhos e filhas, ao menos que tivessem explicação e se fizesse justiça. Com esmero cuidado, *Paula Azevedo*, a autora deste capítulo, enreda-nos na trajetória pessoal de Ermelinda em buscar, incessantemente, o estabelecimento da verdade – uma luta interrompida apenas por seu falecimento em 2003 –, e a história de um Brasil atravessado por injustiças, violências e, não obstante, por resistências femininas incansáveis.

A participação das mulheres e a ditadura civil militar no sul de Mato Grosso são evocadas por *Suzana Arakaki* no *Capítulo IX*, ao refletir sobre as produções bibliográficas das estudiosas sobre o tema: Janaina Martins Cordeiro e Ana Maria Colling, acerca do tema. A primeira autora se propôs a registrar como “as mulheres se uniram em nome da família e da fé, formando organizações com apoio da igreja e entidades de classes”. Estas mulheres, reconhecidas como “Direitas” se mobilizaram em prol do fortalecimento do conservadorismo e contra o espectro do comunismo, no contexto do golpe contra o Governo Goulart. A segunda autora “identificou mulheres na resistência à ditadura e suas trajetórias de lutas, perseguições, prisões e torturas”, na cidade de Campo Grande, não obstante as investidas dos aparatos militares de repressão contra mulheres, sindicalistas, dentre outros grupos contrários ao regime instaurado em 1964. Tomamos conhecimento, portanto, de grupos de mulheres com objetivos opostos frente à escalada autoritária civil militar, no período das décadas de 60 e seguintes do século passado.

Ao atentarmos às narrativas do Livro, percebemos que as vidas das mulheres, de muitos modos distintos, abordadas, são histórias imersas na luta política por direitos. Em tempos e lugares, quase inimagináveis, as mulheres estiveram e estão trilhando caminhos de resistência, com fragilidades tensas e intensas, mas que lutam e resistem às mazelas sociais e políticas deste país. Algumas destas lutas são retratadas por *Ilsyane Kmitta*, no *Capítulo X*, que, com traços densos, remete-nos ao nosso passado, desde a conquista do voto até a representação feminina na presidência da República, com a eleição de uma mulher. Dilma Rousseff que atravessou os transtornos nos porões do poder político autoritário, masculino e

patriarcal na política brasileira, e que com coragem e determinação, de quem sobreviveu às torturas misogênicas, perpetradas por “homens proprietários do regime ditatorial”, foi protagonista na história brasileira.

Os estudos de gênero e as epistemologias feministas orientaram a reflexão de *Cláudia Niching*, no *Capítulo XI*, a autora nos alerta acerca do tema relevante dos direitos humanos e cidadania na sociedade brasileira, inclusive, a centralidade na educação, enquanto processo para a criação de uma cultura democrática no país. Esse foi um dos vieses da participação política das mulheres, no período da ditadura militar brasileira, e que atravessou vários dos movimentos e lutas nas quais estiverem presentes, como exemplo, a anistia política. Os traços e retratos, deste período, alimentam os projetos de educação progressista, generificada e feminista, que se constituem premente na história do tempo presente.

O *Capítulo XII* é admirável, ou melhor dizendo, Zezita de Matos é uma mulher admirável e abrilhanta a história das mulheres na resistência à repressão na ditadura militar. Relatou em entrevista às autoras *Illyane Kmitta* e *Tânia Zimmermann* a sua trajetória de vida-arte-vida. As autoras nos lançam ao desafio de adentrar os anos 60 interagindo com a memória da protagonista. Ao trazer à tona suas lembranças, Zezita traça seus passos desde a sua infância, passando por suas atuações no Teatro Popular de Arte, no Movimento de Cultura Popular, no Centro de Cultura Popular/CEPLAR, a participação na juventude comunista e a resistência à ditadura militar como mulher e atriz. Ela se opôs à censura da dramaturgia brasileira e revelou a sua rebeldia artística.

Por entre lutas e resistências na história das mulheres, encontramos os argumentos recheados de conservadorismos católicos contra o “perigo vermelho”, registrados por *Ediane Santana*, no *Capítulo XIII*, surpreendente a cada parágrafo. A autora, com maestria, evidencia as mulheres em outro ângulo, qual seja, a perspectiva do dominador enredado nos labirintos do golpe civil-militar e apresentada na fala sobre a “construção social da imagem da mulher-mãe-virginal enquanto um ideal cristão universal”. É impossível, ao ler o Capítulo, não experimentar um sentimento de tristeza, pois são apresentadas as mulheres que na contramão da luta por direitos humanos e liberdade, defenderam valores morais,

a família conservadora cristã e apoiaram a insensatez violenta da ditadura militar.

O Brasil é um país de golpes! “Foi assim”. *Graça Andreatta*, no *Capítulo XIV*, toca-nos, inicialmente, lembrando os tantos golpes políticos na história do nosso país. Por isso, não nos surpreende é a continuidade/repetição de uma cultura política avessa à democracia e aos direitos humanos na atualidade. Nascida em 1947, a autora nos remete ao passado, quando em sua infância, adolescência, mulher adulta, vivenciou momentos históricos e políticos de transição, por exemplo a Ditadura e a Anistia, lembrou e descreveu detalhes destes períodos históricos. Ela trabalhou a sua memória neste texto, denso em subjetividade dialogada e contraposta a uma realidade social e política eivada de preconceitos e violências. Conversa, também, por meio de entrevistas, com duas mulheres que nos fazem esperar. Há muito o que expressar sobre cada linha, cada parágrafo deste capítulo sensível e objetivo ao mesmo tempo; outrossim, deixarei para cada uma, cada um que ao ler este livro, possa esmiuçar a memória-vida da mulher-autora-vivente, Graça Andreatta. “Basta de é assim, porque “FOI ASSIM”.

Enfim, apresentamos este livro às mulheres que lutaram em defesa da democracia, àquelas que sobreviveram e podem narrar com suas próprias vozes, as vezes com o trabalho dolorido da memória. Mas, também, a todas as mulheres que no atual momento histórico sentem e pensam sobre os imensos perigos lançados no horizonte do país, sob as bandeiras do neoconservadorismo político, do poder masculino e patriarcal que quer nos dominar; a todas aquelas que cerram fileiras mais uma vez e gritam em praça pública e em todos os lugares: “não passará!”

Que a leitura deste livro fortaleça as nossas vozes para aclamar “Ditadura Nunca Mais”.

*Marisa de Fátima Lomba de Farias (UFGD)*